



5º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

O QUE SE COME NA COLÔNIA: CAÇA E CRIAÇÃO DE MAMÍFEROS NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

Anelisa Mota Gregoleti (PIC), Christian Fausto Moraes dos Santos
(Orientador), e-mail: chrfausto@gmail.com. Universidade Estadual de
Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Universidade Estadual de Maringá

História / História das Ciências

Palavras-chave: América no século XVI, alimentação, caça.

Resumo:

Este trabalho propõe, enquanto projeto de pesquisa, analisar as tentativas iniciais de introdução de animais oriundos da Europa na América Portuguesa, verificando os obstáculos referentes à adaptação daqueles animais ao clima e a nova alimentação com os quais se depararam os colonizadores no século XVI. Para tal, também pretendemos trabalhar com a problemática do reconhecimento, identificação, classificação e descrição dos animais do Novo Mundo. Esta perspectiva inclui uma abordagem, a partir do referencial teórico da História das Ciências, das questões que envolvem a exploração, por parte dos nativos e colonizadores, dos recursos protéicos advindos da caça dos animais nativos do Novo Mundo.

Introdução:

A história da alimentação pode esclarecer vários aspectos do cotidiano de uma civilização. Os hábitos alimentares e as tradições relacionadas à alimentação mudaram junto com a evolução das sociedades humanas (MENEZES; CARNEIRO, 1997). Há registros de tratados de cozinha e ou compilações de receitas culinárias desde o século XIV, escritos por pessoas não profissionais, e também por médicos e chefes de cozinha, que traziam informações de caráter técnico como cortes de carne. Isso demonstra que o





5º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

interesse pela alimentação norteou boa parte do cotidiano dos europeus a partir do século XIII até os séculos XVII, XVIII e XIX, mesmo que os motivos para isso tenham sido estimulados pela glotoneria. A partir do século XVI, com a era dos descobrimentos, até o século XVIII, percebe-se “claramente a liberação desta glotoneria” por alimentos, uma vez que os relatos de viagem demonstram a preocupação em obter fontes de proteína e gordura animal para o próprio manutenção dos navegantes, e também o impulso sobre as redes de comércios das especiarias (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 532-557).

Ao longo da era Moderna ocorreram diversas mudanças relacionadas à maneira como o homem observava a natureza e compreendia sua interação com os animais, plantas e a paisagem que o rodeava. A partir do século XVI, observou-se que a relação entre o Homem e o Mundo Natural começou a se transformar. Os animais passaram a ser classificados e considerados primeiramente como fontes de alimentos, perdendo características sentimentalistas (THOMAS, 2010).

Materiais e Métodos:

Pretende-se com a abordagem metodológica estabelecer os aspectos históricos, tanto da exploração dos recursos alimentares obtidos pelos colonizadores a partir da caça de animais nativos, quanto a problemática da introdução de novas espécies no ambiente do Novo Mundo.

Como método específico de trabalho, efetuaremos a leitura das fontes, retirando de seu conteúdo as descrições a respeito dos animais nativos e introduzidos, e de seu eventual uso como elemento constituinte das estratégias de sobrevivência, tanto pelos indígenas quanto pelos colonizadores.

Resultados e Discussões:

Para os homens daquele período renascentistas, a dominação em relação aos animais era importante, pois, demonstrava racionalidade, assim como, servia de justificativa para a caça, para a domesticação, para o hábito de comer carne, para o extermínio de raças de predadores e animais nocivos,





5º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

assim como a qualquer operação feita em animal vivo com o objetivo de realizar estudo ou experimentação (THOMAS, 2010, p. 55-56). A dominação sobre os animais e o conhecimento das espécies, eram fatores de extrema importância para a própria sobrevivência do homem. As questões relacionadas ao estudo da natureza estavam em foco ao longo dos séculos XV e XVI na Europa. Quando os Portugueses e Espanhóis deram início as grandes navegações, entrando em contato com novos povos e com novos ambientes, ficou claro que a diversidade de espécies era muito maior e muito mais complexa do que os pensadores do Velho Mundo podiam supor, abrindo um leque de oportunidade no que se refere aos alimentos também. A expansão de especiarias do oriente fez com que os primeiros colonizadores do Novo Mundo descrevessem com profusão de detalhes os animais que encontravam nos trópicos. Diante disso, verificar o estranhamento e as tentativas de classificação dos animais encontrados no Novo Mundo, pode demonstrar esta busca para compreender o Mundo Natural dos trópicos.

Do ponto de vista dos hábitos alimentares europeus, e durante a era dos descobrimentos, os alimentos encontrados no Novo Mundo não foram introduzidos na alimentação européia. Este quadro começou a se transformar nos séculos XIX e XX, quando a alimentação no Velho Mundo começou a receber fortes influências dos elementos encontrados nos trópicos (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p. 532). Contudo, para os europeus que estavam desbravando o continente americano à sua rotina alimentar mudou radicalmente, pelo menos nos primeiros tempos do século XVI.

Conclusões:

Então, ao voltarmos nossa atenção para os hábitos alimentares destes europeus que colonizaram a América, principalmente ao longo do século XVI, podemos encontrar algumas respostas para fatos ocorridos ao longo do processo colonizador do que hoje conhecemos como Brasil, como por exemplo, a tentativa de introdução, quase que imediata, de espécies de porcos (Javali), galinhas, cabras, vacas e outros bichos. Abordaremos ao





5º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior da Universidade Estadual de Maringá - EAIC-Júnior- UEM

longo deste texto, os motivos que levaram os primeiros desbravadores portugueses a trazer nas naus, certas espécies de animais na tentativa inicial de alimentar-se, e o intuito de transpor e adaptar estes animais para a colônia.

Referências:

DIAMOND, J. **Armas germes e aço**: os destinos das sociedades humanas. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CROSBY, A. **Imperialismo ecológico**: A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 4ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

MENESES, U. T. B. de; CARNEIRO, H. **História da alimentação**: balizas historiográficas. Anais do Museu Paulista História e Cultura Material, São Paulo, v. 5, n. 5, 1997. p. 9-91.

SOUSA, G. S. de. **Tratado Descritivo do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1971.

